

Morador do Lago defende ^{Paranoá} despoluição

A grande estiagem de 1978, que deixou enorme quantidade de algas e peixes mortos nas margens do Paranoá, provocando forte e prolongado mau-cheiro, parece já ter sido apagada da memória do brasiliense que mora perto do lago. Hoje, quando perguntado em que a poluição do lago atrapalha a sua vida, ele nem se lembra do risco de voltar a sentir o mesmo mau-cheiro e confessa que o maior prejuízo é não poder aproveitar tanto o Paranoá como gostaria, caso fosse um lago limpo.

"A poluição atrapalha muito o nosso lazer. Você tem um belo lago aí e mal pode usá-lo", afirma Luiz Carlos Machado, residente na QI 11 e morador do Lago Sul há sete anos. Luiz Carlos vê com otimismo as promessas do governo de despoluir o lago, mas duvida de qualquer proposta de despoluição que não inclua a retirada dos esgotos hoje despejados diretamente no Paranoá.

MOSQUITOS

"Sem a retirada dos esgotos, qualquer despoluição será um negócio transitório. Podem até despoluir, mas a curto prazo o lago estará todo poluído outra vez", acredita Luiz Machado. Ele confessa que não é frequentador assíduo do Paranoá, mas percebe que a poluição tem piorado "ano a ano".

Mário Duarte, residente na QL-10, também acha que o lazer dos moradores é o maior prejudicado com a poluição do lago. Mas lembra também os desequilíbrios ecológicos causados pela poluição, "Muita fauna, pássaros, principalmente, já não ficam mais aqui por causa disso".

Além da fuga dos pássaros e da enorme quantidade de peixes mortos na águas poluídas, Mário Duarte cita a invasão de mosquitos na sua casa como outro fruto da poluição do Paranoá. "Nós moramos muito perto da margem, numa QL — "quadra do lago" — e ao entardecer a casa fica toda cheia de mosquitos".

PESCARIA

Mas o Paranoá já viveu dias de glória, quando suas águas cristalinas eram palco de animadas pescarias e recebiam banhistas de todas as idades. Quem lembra desta época, não tão distante, é Carlos Fernando Soares, 39 anos, hoje residente na SQS 206.

Carlos chegou em Brasília com a família em 63, indo morar na SQS 410. Ele conta que naquele tempo o seu programa predileto era tomar banho no Paranoá, coisa que nem sonha em fazer hoje em dia. "A gente ia sempre em turma, pescava, fazia piquenique, comia os peixes pescados lá mesmo. Quem vê o Paranoá hoje não acredita que ele já foi daquele jeito. Atualmente não tenho coragem nem de enfiar o pé dentro da água. Comer peixe de lá, então, é suicídio", comenta. Mas ele é extremamente otimista em relação ao projeto do GDF de despoluir o Paranoá. "Quem sabe meus netos não vão poder fazer os mesmos programas que eu fiz lá?"